

O que as ciências podem aprender com o RAP? Sobre pertencimentos e estratégias de criticidade

João Victor Dionísio da Silva¹
Mayara Larrys Gomes de Assis Nogueira²
Thiago Emmanuel Araújo Severo³

Resumo: O nascimento de uma raiz híbrida na periferia nos provoca a pensar sobre como essa expressão reverbera entre as diversas regiões no mundo. No Brasil o RAP é um criador de cenários onde a cultura e o pensamento emergem. Este trabalho dá voz e ouvidos a uma inquietude do pensamento. Sob essa guia, objetivamos significar o RAP como uma expressão da cultura que permite acessar vias de pensamento crítico, estratégico para resistir à redução das humanidades, culturas, conhecimentos e pertencimentos. Tomamos essas singularidades do RAP para refletir sobre as ciências e a educação científica, problematizando sua necessidade de questionar e criticar os fenômenos e a realidade. Para tecer essa religação de saberes tomamos o método como estratégia (MORIN, 2004) para construir pontes de diálogo entre a produção intelectual da área de educação em ciências, o pensamento complexo e as metáforas presentes na música "*Capítulo 4, versículo 3*" dos Racionais MC's.

Palavras chave: Diálogo de saberes, RAP, Interculturalidade, Pensamento complexo, Educação em ciências.

-
- 1 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande Norte - UFRN, joao2016@ufrn.edu.br;
 - 2 Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN mayaralarrys@gmail.com;
 - 3 Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN thiagosev@email.com;

Nascimento de uma raiz híbrida e multidimensional

Desde que foi forjado nosso país sempre foi imbricado com o pensamento/ação escravista, realidade culminante na opressão sofrida por povos de origem africana. Esse contexto histórico nos leva a enfatizar que, mesmo 300 anos pós escravidão, ainda é muito necessário revisitar cenários do passado, onde o negro sofreu, chorou e ritualizou resistência compartilhada entre semelhantes. Apesar deste cenário, sobreviveram correntes e expressões de vida na cultura afro-brasileira que não revogaram a felicidade mesmo em situações absurdamente adversas – fato que não minimiza a culpa que as classes opressoras deveriam carregar consigo.

Além de revisitar com os olhos, como citamos anteriormente, o faremos também com a audição, colocando a reflexividade no volume máximo da canção. Para tanto, tomamos como norte uma expressão artístico-cultural reconhecida por resgatar a autoestima negra, bem como trazer para dentro das favelas mensagens que possam valorizar e contextualizar o jovem (AGUIAR; CUNHA, 2006) de forma paralela à construção cultural de uma estética periférica que mescla os desejos do belo com a realidade decorrente da desigualdade urbana. Trata-se, de creditar o que nos parece uma forte aptidão do sensível e de resiliência apresentada no substrato da realidade.

No decorrer do tempo, a ritmicidade de expressões da poesia musicada que alimentavam formas de resistência da cultura afro-brasileira cresceu progressivamente a partir da forma pulsante na qual a *black music* se apresentou (SILVA; MOTTA 2015). No espaço dessa investigação nos ateremos, especificamente, às rimas e letras híbridas entre a poesia e a música, o gênero musical *Rhythm and Poetry*, mais conhecido como RAP.

Como uma emergência musical urbana, surge na América, atravessado pela origem dos ritmos e técnicas de cantos africanos, nas canções, o mestre de cerimônia, também conhecido como MC, e o *Rapper* tornam-se vozes que relatam, através de articulações e rimas, os problemas, carências e a experiência cotidiana vivida em bairros pobres (SILVA, MOTTA, 2015).

Isso nos faz questionar que uma interface artística como o RAP possibilita uma experiência orgânica de pensar que implica na conservação dos diversos pertencimentos da cultura da rua, para criticamente ordenar as ideias (SEVERO, 2015) implicadas no real e construir/construir-se numa poesia que evoca ao mesmo tempo a imagem do passado histórico-sócio-cultural conservado e a revolução do pensamento que na forma de ritmos e expressões poéticas empoderam as ruas, emergem em vivas relações simbólicas entre os rappers e os seus ouvintes (MARTINS, GARROCINI, 2015).

A partir deste cenário, objetivamos neste artigo significar o RAP como uma expressão da cultura que permite acessar uma via de pensamento crítico, estratégico para resistir à redução das humanidades, culturas, conhecimentos e pertencimentos. Tomamos essas singularidades do RAP para refletir sobre as ciências e a educação científica, problematizando sua necessidade de questionar e criticar os fenômenos e a realidade. A via que escolhemos para construir estas reflexões parte do diálogo entre a produção intelectual da área de educação em ciências, o pensamento complexo e as metáforas presentes na música “Capítulo 4, versículo 3” dos Racionais MC’s.

Método

Pensar e debater sobre a cultura afro-brasileira e suas formas de resistir a uma sociedade discriminatória é uma temática que atravessa a *flecha do tempo* (PRIGOGINE, STENGERS, 1991) e permanece viva. Nesse sentido, estabelecemos um diálogo híbrido de conhecimentos (SEVERO, 2015) a fim de tecer uma troca estratégica do pensar que dialogue com as ciências e o RAP. Evocando estratégias do pensamento que comportam desvios, erros e incertezas para construir/construir-se sem mutilar as várias interfaces do conhecimento (MORIN, 2004).

O presente estudo tem natureza bibliográfico-ensaístico tomando dois eixos centrais para seu desenvolvimento, o primeiro de ordem empírica e o segundo de ordem epistemológica. Para empreender essa investigação, no primeiro eixo traçamos o diálogo entre a produção intelectual da área de Educação em Ciências (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2011) e a letra da música “Capítulo 4, versículo 3” de autoria dos Racionais MC’s.

No segundo eixo tomamos o RAP como uma expressão da cultura que permite uma via de estratégia aberta, repleta de emergência do novo, para resistir a novos desenlaces históricos. Para tanto, escolhemos como fio condutor a poesia e musicalidade dos Racionais MC’s como um lodo-nutritivo (SEVERO, 2015) que guarda consigo uma aptidão *revolucionante* capaz de promover mudanças radicais (MORIN, CIURANA, MOTTA, 2003). Este eixo parte da matriz epistemológica das ciências da complexidade, tendo como diretriz a necessidade de crítica, a raiz histórica de classes, bem como a estética do real que dialoga com os símbolos culturais.

Esta pesquisa deriva de um plano de trabalho cadastrado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) é parte integrante do projeto “Interfaces e expressões da cultura científica na formação inicial e

continuada de professores de ciências” financiado pelo CNPq/PROPESQ-UFRN, em seu primeiro ano de desenvolvimento.

Urgência de problematização

Quando as ciências são veladas pela incapacidade de comunicar com outras expressões culturais, fazem emergir uma incapacidade mútua de viabilizar o ensino, a divulgação científica e a compreensão destes. Essa problemática pode resultar, de um lado, em não compreensão de uma comunidade científica que não compreende que não seja compreendida e do outro diversas esferas sócio-histórico-culturais que estão submersas no mundo implicado pelo desenvolvimento das ciências, não só na materialidade como no pensamento, sem que tome (cons)ciência da mesma e dos processos que oxigenam esse saber (MORIN, 2004; SAGAN, 2006).

Isso inquieta a pensar quais vias movimentariam uma recursividade de ecologia das ideias (SEVERO, 2015) no/entre fazer científico, educação em ciências e a divulgação científica. Para tanto, investigamos se acessar outra realidade de pensar no domínio de uma expressão artística que empodera a rua e o pertencimento de sujeitos marginais, usar da criticidade para problematizar seus vários contextos, possibilita experienciar estratégias de articulação dos saberes. Não seria quando as ciências transbordassem os espaços acadêmicos, estivesse disseminada e pertencida nas vielas mais marginais à academia que daríamos abertura para a emergência das **ciências para todos** (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011)?

Para investigar como essa nova ótica de articulação retroage no seio da cultura iniciaremos com a imersão numa manifestação multicultural de polifonia do que reverbera na cultura da rua.

Minha palavra vale um tiro, tenho muita munição

Oxigenando nossa compreensão histórica do gueto, vamos pensar a partir de uma entrevista do Mano Brown, integrante dos Racionais MC'S. Em entrevista ao jornal francês *Le Monde Diplomatique* (2018), ele conta que a impactante música dos Racionais na década de 90 não era o resultado de uma obra que se fecha num acabamento criativo, era a rima versada na prioridade da época: a luta pela **quebrada**: evitar o extermínio da periferia. Era a sua única arma disponível contra o sistema.

A tensão da época, com a insegurança, medo, índices de morte, sobreviver era arte (D'ANDREA, 2013) que ganhava corpo crítico e sensibilidade

para resistir, para haver representatividade da/na periferia. Nessa atmosfera a música dos Racionais cresce, não levando consigo nem certeza de sobrevivência, constatação presente quase que em sua totalidade não somente nos índices de violência e homicídios que o jovem periférico estava suscetível, mas também nos versos das músicas do grupo:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial! A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras! Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros! A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo! Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente! (Racionais MC's, *Sobrevivendo no inferno*, 1997).

Sobre a textura do contexto histórico do álbum *Sobrevivendo no inferno* se pode traçar esboços do que acontecia na periferia na década de 90: a violência era desenlace principal nos bairros pobres de São Paulo, região onde cresceram os representantes do grupo de RAP.

Para além da denúncia a letra comunga uma condição que grita tão forte no seio da cultura da rua que é possível enxergar esforços de conservação da periferia, sobrevivência, bagagem de atitudes, histórias e ritos que emanam na temporalidade. É na empatia e troca mútua de experiências cotidianas que emerge esse pensamento.

No verso violentamente pacífico, verídico!

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar! Eu **tô** em cima, eu **tô** afim, um, dois pra atirar! Eu sou bem pior do que você **tá** vendo! O preto aqui não tem dó, é 100% veneno! A primeira faz **bum**, a segunda faz **tá**! Eu tenho uma missão e não vou parar! Meu estilo é pesado e faz tremer o chão! Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição! (Racionais MC's, *Sobrevivendo no inferno*, 1997).

As rimas apresentadas exprimem a apropriação da violência para colocá-la na forma de poesia, ressignificando os mais fortes símbolos que as classes dominantes atrelam ao periférico, da violência, crime e morte. A arma de fogo na poesia deles ganha poder bélico de revolucionar, de romper com o passado que lhes foi imposto outrora.

É conhecer a condição de violência e extermínio negro dentro das favelas e ir a raiz para reconhecer e musicar problemas de uma realidade que

perpassa indivíduos, bairros, ecoa nas vozes e no pensamento dos que antes eram tido como invisíveis, o gueto assim ganha espaço, ganha voz, se nutre na crítica e problematiza situações vigentes.

A bala não é de festim, aqui não tem dublê

Enfim, o filme acabou *pra* você! A bala não é de festim, aqui não tem dublê! Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia! Eu sei, as ruas não são como a Disneylandia! De Guianazes ao extremo sul de Santo Amaro, ser um preto tipo A custa caro! (Racionais MC's, Sobrevivendo no inferno, 1997).

A música progride para ensinar que o conhecimento sobre sua realidade, seu contexto é importante para situar o sujeito em sua história, conhecendo- os é possível articular questionamentos. *Se essa é a realidade, não podemos mudar? O que nos impede de modifica-la?* Pensar na mudança social, também é pensar em mudança de atitude. Na música a atitude de ser um sujeito que conhece e pensa estrategicamente suas ações colabora em resistir à bala real, que não só dói quando se é atingido, dói quando o outro *mano* se debate no chão enquanto o sangue transborda no asfalto, quando as negligências de atendimento são parte da vivência social.

Edmond Couchot pressupõe “que a dimensão estética de uma obra artística não congela numa propriedade petrificada, ou nem somente na hierarquia entre criador e destinatário, é na dialógica de ambos que se constituem e fundamentam- se” (COUCHOT, 2012, p. 97). Acreditamos haver uma relação dialógica profunda entre o RAP e periferia, de forma que o simbólico se relaciona com o real, reverbera na rua, ganha vida na realidade e desenvolve-se novos híbridos que contaminam e são contaminados pelo modo de vida marginal.

A reverberação da cultura da rua: Pensar, questionar e problematizar

Assumindo o RAP como dispositivo que nutre o pensamento, alçaremos voo de aproximação dessa expressão com as ciências e a educação e divulgação científica, para que estas considerem as polifônicas visões de caminhos que alcancem o desenvolvimento do pensar, sem desconsiderar tendências epistemológicas atuais (CARVALHO, 2001). Esse processo de aproximação é necessário para que não haja imposições de modelos

científicos ou desconsideração de emergências e particularidades na área de educação em ciências (CARVALHO, 2001).

Nesse sentido, tecemos a seguir uma aproximação das expressões de distintas culturas, a fim de analisar criticamente que força motriz moveria os diálogos. Para articular esse movimento discursivo nos guiamos por três fundamentos inerentes à complexidade (MORIN, 2004) que emerge no exercício do pensar e do saber: o pertencimento, crítica e o domínio híbrido entre pertencimento e crítica que nutre o questionamento.

O pertencimento

O RAP inaugura uma música que mesmo invadindo a indústria musical não deixou de pertencer às ruas e aos contextos periféricos, característica que disseminou pela cultura Hip-Hop um saber pertinente de *ser e fazer* que influenciou a comunidade negra que, mesmo vivenciando a adversidade da desigualdade e preconceito, conseguiu com o pertencimento, viver uma cultura que resgata seu passado histórico, dimensiona a realidade a sua volta e coloca o meio sob crítica.

As ciências poderiam ter o *pertencimento* visto no RAP como ensinamento para problematizar a reinserção dos sujeitos em seus processos e cultura, desenvolvendo aptidão para conhecer e questionar o mundo à volta. Assumimos esse viés reflexivo como mote para refletir sobre formas programáticas de ensinar e divulgar ciências de forma aproblemática, distante do contexto sócio-histórico-cultural dos estudantes. Esse engessamento, a descontextualização ainda marcada nos diferentes espaços de estudo das ciências é bastante perigoso quando falamos de conhecer o tecido que compõe as ciências, pertencer é sentir-se inserido, influenciando e sendo influenciado pelo desenlace, desvios e bifurcações (ALMEIDA, 2004).

Crítica e Questionamento

As críticas são feitas para que se questione as atitudes coletivas que dissiparão o conhecimento pelo gueto. As vestimentas, por exemplo, são uma apropriação de roupas que, geralmente, são consideradas de branco, isso porque o *rapper* atesta que mesmo com “roupa de branco” ainda continuará sofrendo as mesmas discriminações raciais, é uma forma de posicionar-se para conhecer seu contexto. O pensamento crítico é essencial na educação em ciências, para tomar consciência e trabalhar na superação dos

obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996), dando sentido ao real e ao contexto, que não desconsidere os contextos de produção das ciências.

Confrontar o que já é determinado não é tarefa fácil, nem na ciência nem no RAP, por isso nos tópicos anteriores dialogamos sobre dois pontos chave do questionamento, o pertencer e a crítica. O questionamento se torna uma operação do pensamento necessária para nutrir as duas vias e que, por sequência, se nutre também. Exercitar o pensamento em diferentes regiões do conhecimento é uma chave para acessar novos desafios, e estrategicamente assim como a Cultura Hip-Hop, reverberar em diferentes camadas sociais.

Sobre as rimas ainda não escritas

O RAP como expressão artístico- cultural além de alimentar a representatividade negra e a resistência nos diferentes espaços, nos desafia a investigar como a aproximação entre saberes distintos dá mote para delinear estratégias de *pensar bem* (MORIN, 2004) que podem atravessar as ciências.

Assumimos que ambas as expressões culturais movimentam o pensamento para dar vida as ideias (MORIN, 2004) constantemente contaminadas e metamorfoseadas. Este ciclo tece o processo crítico de reconstrução, onde os sujeitos implicam- se no que lhes parece pertencer. Aproximar e distanciar permitiu perceber que experiências vivenciadas no RAP ajudam a romper com entendimentos simplificados do mundo e desconstruir impressões primeiras. A cisão com as experiências primeiras permite nas ciências ampliar horizontes que comportam novas realidades e contextos, por isso vemos aqui uma interseção que permite uma troca mútua.

Acreditamos que esta investigação permanece viva e aberta a trocas que articulem duplas vias de pensamento. O intuito é conhecer outras interfaces da realidade onde saberes se articulam para que as estratégias de pensar viabilizem pertencimentos e pensamentos orgânicos (SEVERO, 2015). Neste sentido, cabe um questionamento: *a sociedade se sente pertencida nas ciências?*

Agradecimentos e Apoios

AGRADECEMOS ao grupo Racionais MC's por reverberarem a musicalidade que toma o pertencimento como articulador das ideias. Ao Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e ao CNPq/PROPEQ-UFRN por viabilizar nossa pesquisa.

Referências

AGUIAR, Alexandre; CUNHA, Marilena. **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Relatório regional Rio de Janeiro. 2006. p58.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. A ciência como bifurcação: Uma homenagem a Ilya Prigogine. Revista Famecos n.23. Porto Alegre. 2004. p. 77-84.

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. Contraponto. Rio de Janeiro. 1996.

CARVALHO, L. M. A **natureza da Ciência e o ensino das Ciências Naturais: Tendências e perspectivas na formação de professores**. Pro-posições, v.12, n. 1(34), p. 138-150, 2001.

COUCHOT, Edmond. **As ciências cognitivas e a pesquisa na criação artística e a estética**. ARS n. 20. USP. São Paulo. 2012. p. 97

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo. PPGS-USP. São Paulo. 2013. p. 57.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

LE MONDE DIPLOMATIQUE-BRASIL. **Mano Brown, um sobrevivente do inferno**. You tube. 2018. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=gMT9cXizDYQ>> Acesso em 29 de janeiro de 2020.

MARTINS, Rosana; GARROCINI, Claudia. **Programa manos e minas: praticas culturais criativas na ressignificação dos territórios periféricos**. Revista Estudos em Comunicação UBI. 2015. p. 126-128.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: O pensamento complexo como "Método" de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez, Brasília - DF: UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. 10a Edição ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I. **A nova aliança; Metamorfose da ciência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1991.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. Cosa Nostra. São Paulo. 1997.

SAGAN, C. **O Mundo Assombrado pelos Demônios: A ciência vista como uma vela no escuro**. 1ª Ed. Companhia de Bolso. 2006. p. 39.

SILVA, Cláudia Yaísa Gonçalves da; MOTTA, Ivonise Fernandes da. **Entre versos e rimas: uma reflexão sobre a criatividade no RAP**. Periódicos eletrônicos em psicologia. USP. São Paulo. p. 3. 2015.

SEVERO, Thiago Emmanuel de Araújo. **A experiência como ordenação da realidade: Uma estratégia orgânica para a educação científica**. UFRN. Natal- RN. 2015. p. 67-144.